



**AGENCIAMENTOS COLETIVOS NA CENA ROCK EM TUCURUÍ-PA:
PRÁTICAS EDUCATIVAS, FEMINISMOS E RESISTÊNCIAS CULTURAIS**

**COLLECTIVE AGENCY IN THE ROCK SCENE IN TUCURUÍ-PA:
EDUCATIONAL PRACTICES, FEMINISMS AND CULTURAL RESISTANCES**

**AGENCIAS COLECTIVAS EN LA ESCENA DE ROCK EN TUCURUÍ-PA:
PRÁCTICAS EDUCATIVAS, FEMINISMOS Y RESISTENCIAS CULTURALES**

Ionara Conceição Lemos Pinheiro¹

Gilcilene Dias da Costa²

RESUMO:

A presente pesquisa investiga as relações que o Rock, sobretudo de autoria feminina, estabelece com a *arte-educação* desenvolvida em ambientes escolares e não escolares, tornando-se uma atividade criadora e de resistência. O estudo visa cartografar práticas educativas e culturais em Tucuruí-PA, mostrando as estratégias utilizadas por *fazedores/as de cultura* e *arte-educadores/as*. A pesquisa segue as pistas da Cartografia (Deleuze e Guattari, 1995) como processo teórico-metodológico e caminho alternativo para as diferentes perspectivas que este estudo projeta. Além da Cartografia, a pesquisa bibliográfica de autores/as como Fischer (1983), Duarte (1994) e Barbosa (2019) orientou os estudos sobre Educação, Arte e Arte-Educação, além dos estudos feministas a partir de Lerner (2019), Del Priori (2020) e Tiburi (2021) para discutir as práticas que sustentam há séculos um regime de poder/discurso fundamentado no patriarcado, em detrimento das mulheres e juventudes periféricas. Assim, a pesquisa visa abrir passagens para as potências femininas e destacar as contribuições do Movimento Rock Tucuruí (MRT) para a formação de pessoas críticas. Por fim, a partir dos resultados e discussões, a pesquisa visa abrir passagens para as potências femininas, artísticas e educativas, na cena musical local, bem como destacar as contribuições pedagógicas, artísticas e formativas do Movimento Rock Tucuruí como coletivo cultural para a formação de pessoas críticas e sensíveis às questões sociais e políticas da sociedade.

¹ Mestranda em Educação e Cultura (UFPA) Universidade Federal do Pará - Campus de Cametá/PA, Brasil. Programa de Pós-graduação em Educação e Cultura, Grupo de Pesquisa ANARKHOS. ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-8763-313X> E-MAIL: prof.ionaralemos@gmail.com..

² Doutora em Educação (UFRGS), Docente da Universidade Federal do Pará (UFPA/PPGEDUC), Campus de Cametá/PA, Brasil. Programa de Pós-graduação em Educação e Cultura, Grupo de Pesquisa ANARKHOS. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7156-5610> E-MAIL: gilcileneufpa@gmail.com



Palavras-chave: Agenciamentos Coletivos. Arte-Educação. Arte Feminina. Movimento Rock Tucuruí. Resistência Cultural.

ABSTRACT:

This research investigates the relationship that rock music, especially by women, establishes with art education in school and non-school environments, making it a creative activity of resistance. The study aims to map educational and cultural practices in Tucuruí-PA, showing the strategies used by culture-makers and art educators. The research follows the paths of Cartography (Deleuze and Guattari, 1995) as a theoretical-methodological process and an alternative path for the different perspectives that this study projects. In addition to Cartography, the bibliographical research of authors such as Fischer (1983), Duarte (1994) and Barbosa (2019) guided the studies on Education, Art and Art Education, as well as feminist studies from Lerner (2019), Del Priori (2020) and Tiburi (2021) to discuss the practices that have sustained a regime of power/discourse based on patriarchy for centuries, to the detriment of women and peripheral youth. In this way, the research aims to open up passages for women's powers and highlight the contributions of the Rock Tucuruí Movement to the formation of critical people. Finally, based on the results and discussions, the research aims to open up passages for female, artistic and educational powers in the local music scene, as well as highlighting the pedagogical, artistic and formative contributions of the Tucuruí Rock Movement as a cultural collective to the formation of critical people who are sensitive to social and political issues in society.

Keywords: Collective Agencies. Art Education. Women's Art. Tucuruí Rock Movement. Cultural Resistance.

RESUMEN

Esta investigación indaga la relación que el rock, especialmente el realizado por mujeres, establece con la educación artística en ambientes escolares y no escolares, convirtiéndola en una actividad creativa de resistencia. El estudio pretende mapear las prácticas educativas y culturales en Tucuruí-PA, mostrando las estrategias utilizadas por los cultores y educadores de arte. La investigación sigue los caminos de la Cartografía (Deleuze y Guattari, 1995) como proceso teórico-metodológico y camino alternativo para las diferentes perspectivas que este estudio proyecta. Además de la Cartografía, la investigación bibliográfica de autores como Fischer (1983), Duarte (1994) y Barbosa (2019) orientó los estudios sobre Educación, Arte y Educación Artística, así como los estudios feministas de Lerner (2019), Del Priori (2020) y Tiburi (2021) para discutir las prácticas que han sostenido durante siglos un régimen de poder/discurso basado en el patriarcado, en detrimento de las mujeres y de la juventud periférica. De esta forma, la investigación pretende abrir pasajes para los poderes de las mujeres y destacar las contribuciones del Movimiento Rock Tucuruí a la formación de personas críticas. Finalmente, a partir de los resultados y discusiones, la



investigación pretende abrir pasajes para los poderes femeninos, artísticos y educativos en la escena musical local, así como destacar las contribuciones pedagógicas, artísticas y formativas del Movimiento Rock Tucuruí como colectivo cultural para la formación de personas críticas y sensibles a las cuestiones sociales y políticas de la sociedad.

Palabras clave: Agencias Colectivas. Educación Artística. Arte de Mujeres. Movimiento Tucuruí Rock. Resistencia Cultural.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta o andamento da dissertação de mestrado em Educação e Cultura iniciado em março de 2023 no Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura (PPGEDUC) da Universidade Federal do Pará/Campus Universitário do Tocantins/Cametá (UFPA/CUNTINS), linha de pesquisa Culturas e Linguagens, sob a orientação da Profa. Dra. Gilcilene Dias da Costa, coordenadora do grupo de pesquisa ANARKHOS (Micropolíticas, Arte-performance e Experimentações Literárias na Educação (CNPq), o qual integro desde 2023.

A pesquisa parte da experiência docente desenvolvida pela pesquisadora-educadora com adolescentes e jovens periféricos/as desde 2007 até a atualidade, em atividades que envolvem a Língua Portuguesa, a Literatura, a Produção Textual, o Teatro, a Dança e a Música, em especial o Rock. Assim, o tema dessa pesquisa surgiu atravessado por essa experiência docente em aulas de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental II e Médio a partir de 2006.

No trabalho com adolescentes e jovens, em sua maioria moradora de bairros periféricos, foi possível observar os problemas educacionais e sociais enfrentados por eles na época, tais como: falta de interesse em estar na sala de aula, baixa autoestima e dificuldade em aprender a língua materna de maneira efetiva. Esses fatores contribuía para que eles se sentissem inseguros e introvertidos, por acreditarem que não tinham condições de aprender, sentindo-se na maioria das vezes inferiores e sendo até mesmo agressivos com os que tinham mais facilidade em assimilar o conhecimento. O ato de ler, não limitado somente à prática da leitura e escrita de

forma mecânica, passou a fazer parte do cotidiano desses adolescentes e influenciou positivamente para um pensamento mais crítico, voltado à sua vivência de mundo. Os que antes nutriam o sentimento de inferioridade que os acompanhou durante grande parte de sua vida, agora passavam a expressar a vontade de melhorar sua condição na sociedade, de mudar de vida através do estudo e de mudar a maneira de viver e de relacionar-se com o outro.

As ações com esse público culminaram em 2015 no “Movimento Rock Tucuruí”, um coletivo cultural empenhado na organização e promoção de eventos culturais voltados à juventude, pois a carência de atividades nesse sentido é uma lacuna muito grande em nossa região. As atividades desenvolvidas por esse coletivo cultural ajudaram a ampliar o público-alvo que antes estava restrito apenas à escola em que eu estava lotada.

Através da promoção de oficinas de produção textual e composição, festivais de músicas autorais, eventos com bandas locais e eventos beneficentes em prol de pessoas vulneráveis, foi possível trabalhar a importância de uma aprendizagem mais abrangente, uma educação que ultrapassa as paredes da sala de aula e que é um vetor para efetuar mudanças positivas no dia-a-dia dos sujeitos envolvidos como o aumento de sua autoestima, o respeito às diferenças e a valorização da arte feminina, traduzindo isso em criações artísticas.

A minha personalidade, ela tem totalmente a ver com a música, em especial com a parte do rock, né? E esse tocar e cantar, isso é uma parte muito forte do meu caráter, da minha personalidade, e eu só descobri isso por conta disso que eu tive, dessa vivência que eu tive na escola. Se eu não tivesse tido, eu não conseguiria ter entendido e me conhecido e descoberto sobre isso, e talvez eu seria uma pessoa diferente, talvez eu não seria nem professora, porque a música, antes de eu ser professora, ela me tirou a timidez que eu tinha, né, frente às pessoas, e me colocou nesse local de destaque, no meio social.
(Rafaela Gomes, Educadora e Integrante do MRT)

Diante destes cenários, apresentamos as seguintes questões da pesquisa: como potencializar as estratégias artísticas e pedagógicas no ensino de arte-educação na rede pública de ensino no município de Tucuruí? Como as práticas artísticas e educativas de coletivos culturais como o Movimento Rock Tucuruí (MRT), que utilizam a arte-educação como vetor de criação coletiva, podem contribuir no incentivo à arte feminina e na formação de sujeitos críticos? Qual a participação/contribuição do MRT na formação de uma juventude política e inventiva?

Partindo desses questionamentos, este estudo propõe-se a cartografar práticas educativas e culturais que utilizam os atravessamentos transdisciplinares da arte-educação na cena rock e na rede pública de ensino no município de Tucuruí, mostrando a arte feminina, as estratégias artísticas e pedagógicas utilizadas por arte-educadores/as e fazedores de cultura, bem como os efeitos dessas práticas para educandos/as e para a comunidade escolar na qual pertencem.

PERCURSOS CARTOGRÁFICOS: OS TONS, SONS E RITMOS DA PESQUISA.

No que diz respeito à metodologia de pesquisa neste trabalho, vamos considerar as pistas da Cartografia como processo teórico-metodológico, pois esta vem se constituindo atualmente como um caminho alternativo para as diferentes perspectivas que este estudo projeta.

A cartografia, conceito desenvolvido por Deleuze e Guattari (1995), assume, na pesquisa de intervenção filosófica, as feições de um método pelo qual o pesquisador não utiliza procedimentos prontos e acabados, mas constrói no percurso das atividades os seus próprios procedimentos. É uma forma não diretiva de trabalho que possibilita uma mobilidade de ação no contexto de atuação do pesquisador. Trata-se, pois, de um método flexível, aberto, e, por isso, pode contribuir na pesquisa de intervenção filosófica, uma vez que dá condições ao pesquisador de criar possibilidades de ação no decorrer da sua investigação. (Moura; Oliveira, 2020, p.143)

Inserida na filosofia, na ideia de multiplicidade e no pensamento rizomático de Deleuze e Guattari (1995), a Cartografia dos rizomas aponta que as realidades



existentes e os sujeitos que nela atuam estão em um fluxo constante de movimento (devir) que não possuem raiz ou centro, mas que se conectam no intermezzo:

Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo. A árvore impõe o verbo “ser”, mas o rizoma tem como tecido a conjunção “e...e...e...” Há nessa conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser. [...] Entre as coisas não designa uma correlação localizável que vai de uma para outra e reciprocamente, mas uma direção perpendicular, um movimento transversal que as carrega uma e outra, riacho sem início nem fim, que rói as margens e adquire velocidade no meio. (Deleuze; Guattari, 1995, V. I, p. 37)

Diferente do método de pesquisa tradicional, a cartografia constrói os seus procedimentos metodológicos durante o desenvolvimento da pesquisa, pois entende que os sujeitos e lugares de pesquisa possibilitam ao pesquisador produzir seus próprios procedimentos. Mas o que isso significa para este estudo? Significa que as estratégias metodológicas vão se construindo no percurso desta pesquisa, na relação com os sujeitos, os lugares e com o próprio território investigativo, de maneira processual. Nesse sentido, a pesquisadora-cartógrafa faz parte da pesquisa em curso, pois habita o seu território encontrando-se com os elementos da realidade estudada, acompanhando e intervindo nos processos em andamento, conforme aponta Moura e Oliveira (2020):

Ao se diferenciar da ciência moderna na questão de não buscar separar objeto e pesquisador, nem representar o objeto, a cartografia objetiva desenhar a rede de forças com a qual o objeto mantém comunicação no território de pesquisa ou na realidade sob intervenção, bem como também traçar as variações e as movimentações contínuas dessa rede. (Moura; Oliveira, 2020, p.149)

FIGURA 1 a 2 – Registros de pesquisa-intervenção: momentos de vivências das práticas artísticas e educativas.

FIGURA 1 – Roda de carimbó com os/as educadores/as da E.M.E.F. Gumercindo Gomes
Fonte: Registro da Autora (dezembro/2023)



FIGURA 2 - Participação no evento Divas do Rock - 2ª Edição
Fonte: Registro da Autora (julho/2023)

Seguindo o método cartográfico, pretende-se realizar uma Pesquisa-Intervenção em espaços escolares e não escolares, relacionando as práticas artísticas e educativas dos arte-educadores da rede pública de ensino às vivências musicais dos/as fazedores de cultura atuantes na cena rock do MRT, com destaque à arte musical feminina.

Para um melhor entendimento do percurso cartográfico aqui descrito é preciso destacar o termo *agenciamento* cunhado por Deleuze e Guattari e cuja definição é mais que um conceito filosófico.

Um agenciamento em sua multiplicidade trabalha forçosamente, ao mesmo tempo, sobre fluxos semióticos, fluxos materiais e fluxos sociais (independentemente da retomada que pode ser feita dele num corpus teórico ou científico). Não se tem mais uma tripartição entre um campo de realidade, o mundo, um campo de representação, o livro, e um campo de subjetividade, o autor. Mas um agenciamento põe em conexão certas multiplicidades tomadas em cada uma destas ordens, de tal maneira que um livro não tem sua continuação no livro seguinte, nem seu objeto no mundo nem seu sujeito em um ou em vários autores. (Deleuze; Guattari, 1995, V. I, p. 33)



Relacionando esse termo à *teoria da multiplicidade*, o conceito de *agenciamento* de Deleuze e Guattari diz respeito à conexão de um conjunto de relações que podem ser materiais, subjetivas e sociais, que produzem subjetividades e

desejos e é formada pela *expressão* (agenciamento coletivo de enunciação) e pelo *conteúdo* (agenciamento maquínico).

Além disso, dentro das etapas deste percurso, recorre-se, ainda, à pesquisa bibliográfica de autores/as e obras que orientam teorias e apontam possibilidades que, inicialmente, está dividida em três partes: Educação, Rock e Resistência. Dessa forma, a pesquisa bibliográfica irá abordar, de início, as considerações e conceitos cunhados a partir dos estudos de Ernest Fischer, João Francisco Duarte, Ana Mae Barbosa sobre Educação, Arte e Arte-Educação. Esses/as autores/as apontam em suas obras discussões necessárias para compreender a relação da escola com a realidade social, refazem o itinerário da história recente da arte-educação e dão destaque à contribuição artística feminina, muitas vezes subestimada ou até mesmo calada.

O feminismo trouxe questões para a Arte que permanecem questões vitais, sociais e estéticas até hoje, como as definições de subjetividades e sexualidades, de agendas políticas pessoais e institucionais, de estratégias de representação do corpo feminino e múltiplas narrativas, da relação entre o público e o privado e da relação entre Arte e Artesanato. (Barbosa; Amaral, 2019, p. 429)

Seguindo a investigação bibliográfica, também serão abordados os estudos feministas a partir das obras de Gerda Lerner, Mari Del Priori, Márcia Tiburi e outros autores e autoras, para problematizar as práticas sociais e culturais que reforçam e sustenta há séculos um regime de poder/discurso fundamentado no patriarcado, em detrimento das mulheres e das minorias sociais e subalternizadas, como as juventudes periféricas.

Nesse ponto, a pesquisa procura contribuir com o momento de transição pelo qual a sociedade está passando em que mulheres de todas as condições, idades e cores apostam na criatividade - individual e coletiva – no intuito de abrir brechas, ocupar os espaços, enfrentar o patriarcalismo e o machismo e serem protagonistas de sua história. E não há dúvidas de que a escola, com sua natureza democrática, seja o espaço ideal para construir, desconstruir e reconstruir saberes e reflexões sobre a diversidade das relações sociais, os papéis dos diferentes sexos, a corrupção, a

banalização da intolerância e da violência contra as minorias, entre outros temas essenciais.

O bom é que, ao longo dos tempos, a matéria da qual somos feitas, ou seja, nossa cultura mestiça resiste cada vez mais e melhor às pressões. E, longe de esconder os conflitos, nós os levamos para a praça pública a fim de encontrar soluções para a violência e para a desigualdade, soluções em que o grito seja substituído pelo diálogo e a concorrência, pela colaboração. (Del Priori, 2020, p. 09)

Trazendo essas reflexões para o contexto local do município de Tucuruí/PA, foram realizadas entrevistas gravadas em audiovisual, entre os anos de 2023 e 2024, com os/as arte-educadores na rede pública de ensino do município de Tucuruí e também com fazedores de cultura, principalmente as mulheres integrantes do MRT e outros coletivos culturais.

Assim, a investigação bibliográfica aliada a esses momentos de partilha de vivências e experiências – pessoais e profissionais – foram fundamentais para perceber as problemáticas que envolvem desde a desvalorização e falta de espaço da arte-educação no cotidiano escolar e a pouca receptividade do sistema educacional como um todo (gestores, coordenadores, colegas docentes, etc.) à experiência rizomática de construção de conhecimentos por meio de agenciamentos coletivos e educativos, até a falta de registros sobre a contribuição feminina na cena e a naturalização da sua ausência.

PROBLEMÁTICAS PERCEPTÍVEIS: SILENCIAMENTOS X RESISTÊNCIAS.

Se a voz feminina não fosse diferente da masculina, ou se fosse tão reconhecida e honrada quanto a masculina, não haveria necessidade de abandoná-la, negá-la ou disfarçá-la.³

A perspectiva construída até aqui possibilita compreender que a música, em especial a do gênero Rock, tem um papel importante como impulsionadora de reflexão e pode ser um fator positivo de mudança quando utilizada como elemento didático-pedagógico que auxilia na integração social e na formação de sujeitos capazes de pensar de maneira crítica (Souza; Pereira, 2013).

Desse modo, a incorporação de representações e linguagens do mundo fora da escola aproxima o saber [...] escolar da vida social e demonstra a necessidade de dinamizar o processo de ensino e aprendizagem, diversificando as experiências didáticas e proporcionando aos alunos condições para a construção de conhecimentos de forma interdisciplinar e interativa. (Souza; Pereira, 2013, p.6)

Assim, essa transversalidade pensada a partir da abordagem deleuziana possibilita transitar pelas diversas áreas do conhecimento estabelecendo conexões, atravessar e ser atravessada por elas, e manter as particularidades de cada uma a fim de expandir a ação criadora e a produção de novos saberes (Santana, 2019).

Tendo em vista que o rock é a composição de um estilo de vida que mantém por um lado, a atitude crítica frente à sociedade, na contestação das regras e dos sistemas políticos. Por outro lado, ele tem a capacidade criativa para inventar uma maneira de ser e compor uma expressão estética para a existência. Isto faz com que o rock atinja o status de uma “filosofia de vida” e um potencializador de pensamentos. Em termos de Deleuze e Guattari, ele pode ser considerado também uma experimentação-vida (Santana, 2019, p. 56).

Pensar práticas educativas a partir da ótica deleuziana é ir além dos muros da escola e possibilitar aos educandos a chance de fazerem suas próprias leituras e interpretações, as quais serão marcadas não só de uma experiência-vida, mas também pelo encontro com um intercessor – elemento da visão filosófica deleuziana que vai ativar e provocar a capacidade criativa desses indivíduos. E no universo da pesquisa a proposta é fazer da arte-educação e da música-gênero Rock, especialmente a de autoria feminina, esse intercessor, além de fomentar a intenção e a preocupação em promover mudanças efetivas em suas realidades, combatendo toda e qualquer situação de exclusão e desigualdade.

Não é necessária, por exemplo, uma investigação muito aprofundada para se entender a situação de que as mulheres foram educadas e ensinadas a fazer sacrifícios em nome da família, e adotar uma personalidade introspectiva e submissa. Na prática, isso resulta em relações sociais de poder sobre as mulheres e essa estrutura cresceu e se fortaleceu ao longo da história da Humanidade, ou seja, nas narrativas pautadas



pelo patriarcado o papel de protagonista será sempre dos homens cis, brancos e heterossexuais.

Ionara Lemos, pesquisadora PPGEDUC: Você já tinha pensado nessa ausência do elemento feminino, da figura feminina na cena rock?

Sim, porque como eu sou uma pessoa que tô à frente do cantar, né, do cantar o rock, de ser essa figura feminina, eu sempre me... sempre não, mas na maioria das vezes me via muito só eu. Caraca, tem várias bandas, mas só eu (de mulher) que canto. E em muitos momentos, que é o que inclusive acontece hoje, eu não era a cantora da banda, eu era uma ‘participação especial’ (gesto feito com os dedos pela narradora). Então isso sempre foi, assim, despertou na minha cabeça essa questão, só posso fazer pequenos... só posso ter pequenos momentos, né, durante esses eventos e tal. Já era gratificante pra mim, mas é muito pouco perto do que a gente pode ter do nosso potencial. E eu sei que em Tucuruí tem muito mais pessoas, muito mais mulheres, que até querem, mas talvez não se sentem à vontade, eu acho que não tem oportunidade, não tem o incentivo, como a gente tava conversando aqui, mas é bem visível e sempre foi perceptível pra mim. (Rafaela Gomes, Educadora e Integrante do MRT)

Relatos como esses da professora e cantora Rafaela Gomes e de tantos outros talentos femininos que foram silenciados, apagados e/ou mortos são inúmeros. A sociedade assiste e, na maioria das vezes, aplaude o ato da mulher ser apenas uma “participação especial”. “As mulheres participam no processo de sua subordinação porque internalizam a ideia de sua inferioridade. Como apontou Simone de Beauvoir: o opressor não seria tão forte se não tivesse cúmplices entre os próprios oprimidos” (Lerner, 2019, p. 21).

Desde os seus primórdios, nos idos da década de 1950, os grandes nomes do Rock que estampavam capas de revistas, cartazes de shows e festivais eram, em sua maioria, homens héteros e brancos. E mesmo nos dias atuais, ao se fazer uma busca por imagens na internet daqueles que são considerados os maiores destaque desse gênero musical, é possível que o retorno seja de rostos brancos e masculinos.

E é interessante essa hegemonia masculina porque o rock, na verdade, nasceu... foi parido por uma mulher, né? Uma preta da hora, da década de 50, né, que é a Sister Rosetta. Ela que começou esse movimento do blues com o jazz e o country e a questão do



violão elétrico, né, que não era guitarra ainda na época. (Ionara Lemos, pesquisadora PPGEDUC)

O rock não seria, então, uma produção artística para a diversidade de raça e/ou gênero, apesar de Little Richard e Tina Turner? Para Souza (2022) as variantes existentes por trás desse questionamento são as mais diversas. A história do Rock é composta principalmente de elementos sociais e sua origem está ligada à juventude negra que gritava contra a segregação racial nos Estados Unidos. Dessa forma, o Rock já nasceu sofrendo “na pele” o preconceito “de pele”, pois a origem do gênero sempre foi associada à figura viril de Elvis Presley nos meados da década de 1950, e nomes como Chuck Berry e Sister Rosetta Tharpe – cantores/as responsáveis diretamente pela formação e transformação do Rock pelo menos uma década antes (1940) – quase nunca são lembrados como seus representantes nem citados com a devida importância de sua colaboração para o estilo.

Pioneira das guitarras, Sister Rosetta Tharpe já fazia sucesso nas décadas de 1930 e 1940 e era umas das referências declaradas do “Rei do Rock”, Elvis Presley. Apesar das características pouco comuns a alguém do rock’n roll (mulher, negra e cristã) e do apagamento sofrido nas raras literaturas “especializadas” sobre o gênero, a cantora é tida entre os artistas do meio como a “mãe do Rock”. Sua voz potente e seu talento como guitarrista revolucionaram os palcos e o cenário musical predominantemente masculino.

Nascida em 1915, em uma pequena cidade do Arkansas ao sul dos Estados Unidos, Rosetta iniciou sua carreira como artista gospel. Todavia, após o fim da Segunda Guerra Mundial, desafiou as convenções da época saindo em turnê nacional com a amiga, pianista e também cantora, Marie Knight. Mesmo em uma posição extremamente desfavorável, pois viviam em um EUA mergulhado no ódio racial contra negros e marcado por uma sociedade assustadoramente patriarcal, essas duas mulheres pretas tornaram-se verdadeiras *pop star* pelo talento indiscutível e pelas



atitudes libertárias e afrontosas: mulheres *independentes* numa sociedade machista e *negras* numa sociedade racista.

Mesmo com todo o legado artístico produzido e chegando a ser citada nas biografias oficiais do “pai do Rock” – Elvis Presley – de Chuck Berry, um dos guitarristas mais influentes do mundo, de Jerry Lee Lewis e de Little Richard, ícones dos primórdios do gênero, a “mãe do Rock” foi simplesmente esquecida e apagada dos estudos sobre o estilo. Livros e autores considerados clássicos e obrigatórios como *Rock and Roll – Uma história social* (Friedlander, 2017 – 10ª Edição) ou *O que é Rock?* (Anaz, 2013) não contém nenhuma referência sobre a artista, muito menos sobre sua relevância para o cenário musical da época. Apesar disso, é possível encontrar material audiovisual com conteúdo excelente sobre ela. O filme de 2014 “The Godmother of Rock’n’Roll” produzido por Mick Csaky e legendado em português por Bruno Decc está disponível nas plataformas de streaming.

Assim como aconteceu com Sister Rosetta, a História não deu a devida visibilidade a uma quantidade enorme de mulheres pioneiras nas ciências, na política, nas artes e outras áreas, e suprir a lacuna deixada por séculos de apagamento não é tarefa fácil.

Bom, enquanto artista, propriamente dito, não consigo te identificar uma pessoa, não sei se é porque eu não tenho muito contato com outras cenas, mais que a cena rock, mas hoje não tenho uma pessoa pra te falar, essa pessoa é a protagonista do rock feminino, não sei. (Rafaela, Professora universitária e cantora)

Então, eu ainda não vejo isso na participação dos movimentos, por exemplo, FESDANTUC. Vamos garantir uma cota para coordenadores femininos. Vocês têm que trazer o grupo de vocês, as mulheres, apresentando. Mas ainda não vimos isso. Isso é polêmico e precisa fazer um debate. Ou pode ser o ponto de vista do incentivo também. O próprio grupo masculino incentivar essas meninas a virem para a linha de frente da atividade cultural. Então tem tudo isso, não dá para a gente dizer com exatidão qual é a motivação da não participação efetiva delas na linha de frente desses movimentos culturais. (Mauro Moraes, Educador da rede pública de ensino/ Integrante do Coletivo Cultural “Carimbó do Lago”)

Ionara Lemos, pesquisadora PPGEDUC: Você já tinha parado para pensar nisso?



Prof. Mauro Moraes: Não, te confesso que não, não passava assim pela cabeça as mulheres na linha de frente, né...

Ionara Lemos, pesquisadora PPGEDUC: Porque aí é aquela coisa, se você não sente, você não pensa sobre, aí você não procura resolver, porque aquilo não é um problema.

Prof. Mauro Moraes: Exatamente, exatamente.

Ionara Lemos, pesquisadora PPGEDUC: Não é um problema, essa ausência da figura feminina no meio cultural, dentro da produção, dentro da coordenação, isso não é um problema.

Prof. Mauro Moraes: Pois é, é por isso que esse debate do conhecimento, não só acadêmico, mas cultural aqui, popular, vamos dizer assim, precisa ser feito e a partir desse debate é que vai surgir exatamente esses pontos que estão meio que obscuros. Num debate simples aqui, numa conversa simples, a gente já apontou algumas coisas. 'Opa, a gente precisa despertar para isso. Opa, a gente precisa despertar para aquilo'. Entendeu? Então, é assim que a gente começa a expor esse senso crítico dos alunos também. Quando eu mando eles irem para campo para pesquisar, eles voltam e a gente vai filtrar e vai fazer o debate. Talvez, numa próxima atividade, eu já vou pontuar com eles. 'Ei, agora quem vai coordenar esse negócio vão ser vocês, as meninas, ou vocês, alunos'. Eu estou na linha de frente, quem vai montar a coreografia, vocês, quem vai buscar as músicas para montar, vocês. Ou seja, é assim que vai ser. Exatamente. Então, é dessa forma que realmente se constrói conhecimento.

Ionara Lemos, pesquisadora PPGEDUC: Eu vou ter que te dar um exemplo prático dessa questão da falta da presença feminina. Quem coordena o Movimento Rock sou eu, não é o Rubens. O problema é que eu não gosto de tá em rádio, né, de tá... isso aqui, sabe, é o que eu gosto, mas estar aqui atrás (das câmeras).

Prof. Mauro Moraes: Pois é, então já vem a referência de quem está na linha de frente é masculino, uma figura masculina. Porque eu vejo sempre o Rubens(...)

As falas acima dos dois educadores e integrantes de coletivo cultural ilustram bem a narrativa velha como o mundo: “Por trás de um grande homem, existe uma grande mulher”. Esse pensamento inserido na sociedade como um “elogio” à mulher é mais um exemplo da *engrenagem da repetição* (Del Priori, 2020) que busca reforçar o papel da mulher como apoiadora incondicional e que por séculos figura como *staff*⁴ de “homens brilhantes”. Para Lerner (2022), “Se houvesse um homem por trás de cada mulher brilhante, o número de mulheres notáveis na história teria sido igual ao de homens notáveis” (Lerner, 2022, p. 32). Diante desse panorama, mais questões veem à

tona: quem é o autor desse roteiro imposto às mulheres? Como é possível a mulher se dedicar a outras atividades que não sejam o cuidado da família? Como a mulher pode atuar no cenário profissional, artístico ou político? Como mudar esse roteiro?

Historicamente, as mulheres sempre tiveram um papel central na arte, mas foram invisibilizadas por uma sociedade patriarcal. Agora, o desafio é conquistar mais autonomia e liberdade, e ocupar cada vez mais espaço no teatro, circo, cinema, na música, literatura ou dança, mostrando todas as suas múltiplas potencialidades.

O prefácio do livro, *Mulheres não devem ficar em silêncio*, organizado por Ana Mae Barbosa, traz a triste constatação de que “as mulheres pioneiras são seguidas, mas não reconhecidas em seu pioneirismo”⁵. Nos artigos e ensaios que compõem o livro, Barbosa (2019) e demais autores/as deixam explícito que a missão da mulher nas artes e nos espaços de poder nunca foi fácil. Cada página é dedicada a trazer à tona a trajetória pessoal e, principalmente, profissional de mulheres que foram ativistas de uma educação libertadora e impulsionadoras de uma produção artística feminina.

Dessa forma, é imprescindível buscar de maneira constante e insistente uma educação de qualidade, a qual deve ser pautada por um trabalho e uma pedagogia que traga aos educandos uma aprendizagem significativa, integral e formativa, onde estes desenvolvam a capacidade crítica em relação a temas como desigualdade social, protagonismo feminino, respeito às diversidades, entre outros temas essenciais.

CONSIDERAÇÕES POSSÍVEIS ATÉ AQUI

O presente texto buscou apresentar a pesquisa em andamento desenvolvida no biênio 2023-2024. Dessa forma, ele traz os referenciais teóricos, obras e autores/as ainda em fase de aprofundamento e construção, desconstrução e reconstrução de conceitos, práticas e conhecimentos, que irão contribuir significativamente para aprofundar diversos aspectos da investigação, além de possibilitar reflexões que podem levar à consolidação do trabalho ou até mesmo a repensá-lo.

Retornando ao método cartográfico de Deleuze e Guattari (1995) entende-se que o pesquisador organiza os seus procedimentos durante o caminhar da

investigação, isto é, a pesquisa se constrói no “fazer da pesquisa”, trilhando-se assim um caminho inverso ao método científico tradicional, o qual elabora os seus procedimentos metodológicos e fixa um caminho inflexível para atingir as metas da sua pesquisa e, por vezes, esvazia o seu verdadeiro sentido que é a construção do conhecimento (Moura; Oliveira, 2020). Da mesma forma, na arte-educação importa mais o “processo” de criação e o “como” o indivíduo pode elaborar seus próprios sentidos e interpretações acerca do mundo à sua volta. Assim, a sua finalidade primeira é a de desenvolver uma “consciência estética” onde o sentimento, a imaginação e a razão se integram e culminam em práticas harmoniosas e equilibradas diante da realidade (Duarte Júnior, 1994).

Em uma sociedade essencialmente antiestética como a atual, ter “consciência estética” significa não se submeter a valores e sentidos impostos, nem reverenciar ou reforçar padrões e estereótipos que, no agir cotidiano, desmerecem e desvalorizam o diverso. É ter não apenas a *capacidade de escolha*, mas também a *capacidade crítica* que vai combater essas situações problemáticas. Ao tornar-se consciente criticamente, o indivíduo torna-se consciente do seu próprio *eu* e também mais sensível ao *outro* e ao *meio* em que vive. Com isso, é possível entender que Arte-Educação não significa apenas incluir mais uma disciplina e carga horária na grade curricular da educação formal com o peso da frequência e resultado no final do ano letivo, nem tão pouco é ensaio pra se tornar artista ou mesmo, momento de “tapar buraco” no cotidiano burocrático da escola.

Arte-Educação é uma área de estudos extremamente propícia à fertilização interdisciplinar e o próprio termo que a designa denota pelo seu binarismo a ordenação de duas áreas num processo que se caracterizou no passado por um acentuado dualismo, quase que uma colagem das teorias da Educação ao trabalho com material de origem artística na escola, ou vice-versa, numa alternativa de subordinação. (Barbosa, 2012, p. 12)

Então, daqui a alguns anos, eu acredito que a gente vai poder tá quebrando um pouquinho mais esse estereótipo em relação à arte-educação dentro da escola pública, principalmente. Em que é... quando a gente entra em sala de aula pela primeira vez, normalmente o *feedback* inicial dos alunos é 'ah...a gente vai



desenhar, a gente vai pintar, a gente vai fazer isso....' Eu falo 'Não, a gente vai ver isso, é importante, porém tem muitas outras coisas a ser trabalhada'. E é justamente essa quebra de estereótipo que eu tenho é... esperança de que daqui a alguns anos a gente consiga fazer. (David Therezo, Arte-educador da rede estadual de ensino)

De acordo com Fischer (1983) “a arte é necessária para que o homem se torne capaz de conhecer e mudar o mundo”. Levando em consideração a sociedade atual na qual aos indivíduos falta uma visão plena do todo em que vivem, a arte e, mais ainda, a arte-educação constituem-se num estímulo fundamental para a fluência da imaginação e da criatividade, elementos essenciais para a criação de novas possibilidades de ser e de viver.

O lado mais bonito que eu acho da arte é justamente provocar reflexão. Eu acho que a arte a gente pode trabalhar qualquer conteúdo e a gente provoca uma reflexão, né? A arte, ela tem vários é... sentidos, mas a arte que eu mais gosto de trabalhar é justamente essa de provocar reflexão através de qualquer linguagem artística. Linguagem corporal, linguagem fotográfica, textual, textual através de poesia, musical. É... E aí eu aplico, sim, o conteúdo e depois a gente faz algumas práticas, sempre dentro do que é possível, né? Dentro do cronograma e dentro das nossas mesmas limitações de recursos, mas eu sempre tento é... também colocar a prática. (Prof. Darlen Moura, Arte-educadora da Rede Estadual de ensino)

Essa fala diz muito sobre a função da arte e sua relação direta com a educação, o conhecimento, a linguagem, etc. Em sua obra “A Necessidade da Arte”, Fischer (1983) questiona se a função da arte poderia ser resumida em uma única fórmula e, nas páginas que seguem, é possível entender que não, que *a razão de ser da arte* está em constante modificação, principalmente em uma sociedade em que se precisa lutar por direitos básicos como o direito de existir. Unindo a concepção teórica de Fischer à prática docente da Prof^a. Darlen, podemos perceber que a função básica da arte para uma classe social que precisa lutar para transformar o mundo em que vive não é apenas a de criar e apreciar belezas, mas sim a de provocar reflexões, incitar à ação e assim, fazer com que o ser humano se torne capaz de conhecer e mudar a sociedade (Fischer, 1983).

Essa postura, internalizada por educadores de diversas áreas de conhecimento, possibilita agenciamentos coletivos e educativos que resultam em práticas pedagógicas rizomáticas, sem imposições de hierarquias sobre os conhecimentos produzidos, nem conflitos entre pensamentos e ações, permitindo assim que o educando (re)conheça e amplie o seu e os vários repertórios históricos, culturais e sociais que os rodeia.

Nós buscamos sempre orientar os professores e acompanhar nesse desenvolver de lapidar o que o currículo exige, buscando as vivências do aluno, as vivências dentro da comunidade escolar. [...] Aqui na escola nós temos as famílias que são umbandista, então nós fizemos o *Guma News*, onde nós trabalhamos as entrevistas de todas as religiões que compõem a nossa escola, evangélica, católica, umbanda, inclusive descobrimos que tinha um budista, uma única família na nossa escola é budista, dentro de 1.357 alunos. E aí os professores tentam trabalhar essa questão, não posso dizer que nós atingimos 100%, mas nós damos o pontapé inicial. (Prof^a. Elisângela Damasceno, Coordenadora Pedagógica da rede pública de ensino)

FIGURAS 3 a 4 – Agenciamentos coletivos e educativos da Equipe Pedagógica e Docente na E.M.E.F. Gumercindo Gomes em Tucuruí/PA.



Fonte: Acervo pessoal da narradora. (2022-2023)

De acordo com Brandão (2000, p. 03) “Ninguém escapa da educação”. Seguindo esse pensamento é possível entender que a vida e a educação estão intrinsecamente ligadas no nosso cotidiano e, por isso, não se deve acreditar que exista apenas um modelo único de ensinar e aprender. No livro “O que é Educação?” o autor afirma que a educação pode acontecer de maneira livre em que o conhecimento

é algo comum a todos, mas também acontecer de maneira imposta por um sistema centralizador que usa o saber para reforçar as desigualdades. Para tanto, o autor faz analogia ao ato de ensinar das aldeias de grupos tribais onde o conhecimento é fruto do saber da comunidade e é repassado através das trocas sociais (interpessoais, familiares e comunitárias) entre todos: crianças e idosos, homens e mulheres, guerreiros e esposas, etc.

Nesse sentido, é possível perceber que a educação não se dá apenas de maneira formal e com instrumentos pedagógicos definidos, mas ela também existe de maneira livre entre os indivíduos e é preciso ter consciência e coragem de enxergá-la para além das paredes da sala de aula.

E eu tenho um momento muito marcante na minha memória, que foi uma aula de pré-vestibular, em que eles fizeram uma aula musical sobre o período da ditadura. E entre cada aula do professor de história, do professor de literatura, ela (professora) cantava uma música e só de falar eu me arrepio, porque foi uma aula muito marcante pra mim, porque ela era um talento, uma mulher incrível, e aquilo ficou muito marcado na minha memória. É a Renata, um mulherão incrível. [...] Quando eu estou no palco, quando eu estou em sala de aula, é como se eu fosse um personagem. Então aí vêm as aulas de teatro, que quando eu era mais jovem, eu cheguei a fazer muita aula de teatro, participar de eventos culturais. Sempre tomava a frente porque eu sentia que ali eu criava um personagem e eu podia me libertar daquilo. E quando eu falo sobre mim, sobre algo pessoal, é como se eu tivesse testando essas amarras. (Juliane Gomes, educadora e integrante do MRT)

Mais do que entender, é preciso acreditar na educação que acontece tanto nos espaços pedagógicos com o professor-pesquisador dentro dos muros da escola (bibliotecas, laboratórios, etc.), quanto no momento de aprendizado do indivíduo fora do espaço escolar com um agente cultural em um coletivo ou com o professor-militante durante a passeata pelo direito à meia-passagem. A partir desses agenciamentos que ocorrem dentro e fora do espaço formal da escola, é possível entender a importância que a arte-educação tem sobre as práticas pedagógicas, pois sua essência consiste em criar condições para que as pessoas ditas “educadas” não



sejam apenas úteis para o modelo de sociedade voltada para o trabalho e o capital, mas que elas sejam atores ativos, críticos e criativos na concepção de uma sociedade mais justa, humana e livre.

Até o momento é possível assinalar que as atividades artísticas e pedagógicas desenvolvidas dentro e fora dos muros da escola por arte-educadores/as e fazedores de cultura do Movimento Rock Tucuruí e de outros coletivos culturais são propostas que realmente viabilizam a melhoria da qualidade da educação e possibilitam mudanças positivas na sociedade. Os espaços onde acontecem essas ações dão oportunidades a jovens mulheres artistas para se engajarem em práticas afirmativas no que se refere à arte, ao gênero, entre outras questões, e também condições de ocuparem esses locais, adquirir conhecimentos, ouvir e serem ouvidas.

Os próximos passos da pesquisa adentrarão as ondas musicais do rock e suas contribuições com o intuito de ir ao encontro das potências artísticas femininas e dos agenciamentos promovidos por meio das suas práticas educativas/artísticas de resistências e transgressões, a fim de fomentar a auto percepção de submissão e silenciamento imposta às mulheres integrantes de coletivos culturais e auxiliar na construção e organização de ações efetivas que possibilitem abrir passagens para a arte rock feminina.

NOTAS

³ Gerda Lerner – A criação da consciência feminista, 2022, p. 212.

⁴ Grupo de pessoas ou pessoa que assessora um dirigente. In: *Dicionário Online de Português*. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/staff/>. Acesso em 29/05/2024.

⁵ JOICE JOPPERT LEAL, *Prefácio do livro Mulheres não devem ficar em silêncio*. In Barbosa; Amaral, 2019, p. 10.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. Arte-Educação no Brasil: realidade hoje e expectativas futuras. **Estudos Avançados**, v. 3 n. 7 (1989), p.170-182. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/8536>. Acesso em 08 Jul. 2023.



BARBOSA, Ana Mae; AMARAL, Vitória (orgs.). **Mulheres não devem ficar em silêncio – arte, design, educação**. São Paulo: Cortez, 2019.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Educação**. São Paulo: Ática, 2000.

DEL PRIORI, Mary. **Sobreviventes e guerreiras: uma breve história das mulheres no Brasil (1500-2000)**. São Paulo: Planeta, 2020.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. **Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia**. Vol. I. São Paulo: Editora 34, 1995.

DUARTE JÚNIOR, João Francisco. **Por que arte-educação?** 7ª Edição. Campinas: Papirus, 1994.

FISCHER, Ernest. **A necessidade da arte – 9ª Ed.** – Rio de Janeiro: ZAHAR Editores, 1983.

LERNER, Gerda. **A criação da consciência feminista**. São Paulo: Cultrix, 2022.

_____. **A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens**. Tradução: Luiza Sellera. São Paulo: Cultrix, 2019.

MOURA, Francisca de Jesus Cardoso; OLIVEIRA, Luizir de. A cartografia como método de pesquisa filosófica: o filósofo-cartógrafo mapeando territórios, acompanhado processos e criando procedimentos de pesquisa. **Revista Lampejo**, vol. 9, n.1. p. 142-162. 1º semestre de 2020.

SANTANA, Marcos Ribeiro de. Rock um devir filosofia: A composição para uma experiência do pensamento. **POIESIS – Revista de Filosofia**. Montes Claros, V. 18, n.1, 2019. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/poiesis/article/view/4194>. Acesso em 01 Ago. 2023.

SOUZA, Rosangela; PEREIRA, Marco Aurélio M. A música como instrumento de resistência contra a repressão da ditadura no período em torno de 1968 a 1979. **Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE (Artigos)**, v. 1 (2013). Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_uepg_hist_artigo_rosangela_de_souza.pdf Acesso em 22 Out. 2022.

SOUZA, Filipe. **Como o rock brasileiro subverteu a origem do gênero**. Publicado no Blog da Faculdade de Comunicação e Artes/ PUC Minas em Agosto/2022. Disponível

em <https://blogfca.pucminas.br/colab/como-o-rock-brasileiro-subverteu-a-origem-do-genero/>. Acesso em 28 Nov. 2023.

TIBURI, Marcia. **Feminismo em comum: para todas, todes e todos**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2021.

Data da submissão: 27/07/2024

Data do aceite: 22/10/2024